

A relação entre modernidade e cristianismo em *O Anticristo*

The relationship between modernity and Christianity in *The Antichrist*

Robione Antônio Landim¹
ralandim@yahoo.com.br

Resumo:

O presente texto pretende compreender a crítica nietzschiana dirigida ao cristianismo e à modernidade. Esta é vista por Nietzsche como um prolongamento natural do cristianismo, porém, não do cristianismo eclesiástico, enquanto expressão dogmática de uma religião, mas como um conjunto de ideais civilizadores que, de acordo com ele, se encontram por toda parte, inclusive onde se buscou negá-los, sobretudo, a partir das ideias de progresso, de socialismo, de cientificidade. Em que medida essas ideias modernas representam, para Nietzsche, uma relação com o cristianismo? Eis a questão que norteará o desenvolvimento desse trabalho. Para essa abordagem será priorizado o texto de *O Anticristo*, escrito em 1888. Porém, na medida em que se fizer necessário outras obras nietzschianas serão utilizadas, respeitando o tempo de escrita.

Palavras-chave: Nietzsche. Modernidade. Cristianismo.

Abstract:

This paper aims to understand the Nietzschean critique directed at Christianity and modernity. This is seen by Nietzsche as a natural extension of Christianity, however not from ecclesiastical Christianity, as an expression of a dogmatic religion, but as a set of civilizing ideals that, according to him, are everywhere, even where they sought to deny them, especially from the ideas of progress, socialism, scientism. To what extent these modern ideas represent for Nietzsche a relationship with Christianity? That is the question that will guide the development of this work. For this approach will be prioritized text of *Antichrist*, written in 1888. However, insofar as this is required, other Nietzschean articles are used, respecting the time of writing.

Keywords: Nietzsche. Modernity. Christianity.

Introdução

Em *O Anticristo*, texto escrito em 1888, é perceptível já no seu título – *O Anticristo: maldição ao cristianismo* – um discurso contundente dirigido ao cristianismo. Este é considerado, ao longo da obra, como aquilo que é mais nocivo que qualquer outro vício. Segundo Nietzsche, o cristianismo, concebido como vinculado ao

¹ Doutorando em Ciência da Religião do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora/MG. Bolsista da CAPES.

fenômeno moral e não simplesmente como expressão religiosa, é nocivo na medida em que supera os instintos humanos, tornando-se contrário ao que é natural. Em outros termos, o cristianismo, em seu interior, favorece para o crescimento de valores que por serem hostis à vida são vistos como decadentes. Esses mesmos valores se espalham por toda parte, fazendo-se presentes nos ideais modernos.

Desse modo, é interessante perceber que logo no início de *O Anticristo* a modernidade também sofre com os bombardeios nietzschianos. Tanto é verdade que no primeiro aforismo desse texto Nietzsche assegura: “*Dessa* modernidade estávamos doentes” (Nietzsche, 2007, §1, p. 10). Para Nietzsche, a modernidade encontra-se nesse estado porque, assim como o cristianismo, ela possui sangue de teólogo nas veias. Ou seja, ainda que tenha se colocado em oposição ao cristianismo, a modernidade com suas ideias, secretamente o afirma. Discutir o cristianismo em sua articulação com a modernidade significa pensar como esta prolonga os ideais cristãos mesmo sem saber.

Para tanto, esse artigo está estruturado de maneira que na primeira parte do texto é apresentada a crítica de Nietzsche ao cristianismo como fenômeno moral. Nesse tópico é discutido ainda como o filósofo compreende o cristianismo como fórmula da decadência que plasmou a civilização ocidental.

Por fim, na segunda parte, é exposto que as ideias modernas, especialmente a ideia de progresso, de socialismo e de cientificidade não rompem com o projeto cristão. Porém o leva adiante, não do ponto de vista sacralizado, mas dessacralizado. Significa dizer que em tais ideias se manifesta a mesma motivação que se faz presente na religião cristã.

1. A crítica de Nietzsche ao cristianismo

Antes de analisar as ideias modernas em sua conexão com o cristianismo, faz-se necessário apresentar a crítica de Nietzsche a este. Crítica essa que, no horizonte de *O Anticristo*, é revestida por um ódio desmesurado contra o cristianismo. O subtítulo da

obra indica tal sentimento: “O Anticristo: maldição ao cristianismo”. O que essa radicalidade toda demonstra?

Nessa empreitada é importante perceber que o filósofo se mostra ciente de que a sua crítica à religião, particularmente ao cristianismo, não deve ser confundida com as já existentes em sua época. Logo no prólogo de sua obra crítica ao cristianismo, *O Anticristo*, ele expressa: “como poderia eu me confundir com aqueles para os quais há ouvidos agora? – Apenas o depois de amanhã é meu. Alguns nascem póstumos” (Nietzsche, 2007, Prólogo, p. 9). Em tal fragmento, demonstra que a reflexão adotada por Nietzsche em sua leitura do cristianismo é nova em relação ao seu tempo, tanto que ele se vê póstumo ao seu contexto histórico. A posição privilegiada assumida por Nietzsche – o radicalismo – é determinante para distinguir sua crítica à religião das outras existentes em seu contexto histórico, pois, sua perspectiva não se confunde nem reproduz a crítica à religião no âmbito do século XIX que, em verdade, nada mais fez do que substituir Deus pela subjetividade ou, então, deslocar a religião do âmbito teórico para o campo moral. Mudaram-se os figurinos, porém, os personagens permaneceram os mesmos.

A novidade da acusação filosófica nietzschiana gira em torno de sua perspectiva que, ao longo de sua filosofia, se configura uma crítica radical tanto da religião quanto do conjunto de convicções que constituem a consciência do homem culto de seu tempo. De maneira mais específica, o que merece destaque na leitura de Nietzsche é que ele percebe o cristianismo intimamente conectado com uma moral, contribuindo assim para o desenvolvimento de determinado tipo de humanidade². Com outras palavras, o cristianismo é evidenciado enquanto religião que historicamente degradou a verdadeira natureza do homem, contaminada pela falsa moral da superação dos instintos: “*Cristão* é o dizer-não ao natural, o sentimento de indignidade no que é natural, a antinaturalidade” (Nietzsche, 2008, §147, p. 132). Donde resulta a avaliação nietzschiana de que o cristianismo, ou melhor, que os valores aos quais a humanidade

² Sobre essa relação entre moral e religião, Nietzsche sustenta: “As *morais* e as *religiões* são o meio-principal com o qual se pode moldar o homem tanto quanto se queira: desde que se disponha de um excedente de forças criadoras e desde que seu querer possa impor-se a longos intervalos de tempo” (Nietzsche, 2008, §144, p. 102).

aspira são “*valores de decadence*” (Nietzsche, 2007, §6, p. 13). Ora, uma vez que o cristianismo encontra-se relacionado com a moral, o que o possibilita ser compreendido como formação cultural, Nietzsche o computa como religião decadente. Com isso, entretanto, não se propõe questioná-lo enquanto doutrina religiosa, mas compreendê-lo como fenômeno moral, expor tal fenômeno como o autêntico promotor do conjunto de fins e valores que modelaram e conduziram o projeto civilizatório ocidental. Por que Nietzsche compreende o cristianismo como uma “*fórmula da decadence*” (Nietzsche, 2007, §15, p. 21)?

Segundo ele,

Digo que um animal, uma espécie, um indivíduo está corrompido quando perde seus instintos, quando escolhe, *prefere* o que lhe é desvantajoso [...]. A vida mesma é, para mim, instinto de crescimento, de duração, de acumulação de forças, de *poder*: onde falta a vontade de poder, há declínio. Meu argumento é que a todos os supremos valores da humanidade *falta* essa vontade – que valores de declínio, valores *niilistas* preponderam sob os nomes mais sagrados (Nietzsche, 2007, §6, p. 13).

O autor de Zarathustra compreende o valor em termos instintuais, enquanto resultantes do acréscimo ou de decréscimo de forças que interagindo ao mesmo tempo compõem o organismo e impõem sua interpretação, sua perspectiva. Neste processo, o domínio de uma determinada força num dado momento supõe a manifestação de uma interpretação que poderá ser múltipla, conforme as alternâncias de dominação. Estas são possíveis porque a supremacia de uma força não implica no extermínio das paixões, pelo contrário, as pressupõe, visto que toda hegemonia se dá por meio de uma resistência vencida (Nietzsche, 2002, §14(147), p. 99). Quer dizer que, para Nietzsche, uma moral se legitima quando ela avalia em função da vontade de poder, entendido aqui como impulso, força instintiva, presente em todo ser vivente, para se tornar o mais forte, em busca mesmo de sobrevivência. Todavia, o que ele encontra de comum em todas as avaliações, artísticas, científicas, religiosas ou morais é que os instintos dominantes em cada uma delas querem ser vistos como um caráter absoluto, como as supremas instâncias axiológicas em geral, perdendo assim seu caráter interpretativo. Quando isso

acontece há a manifestação da decadência, da perda dos instintos, enfim, da vontade impotente para o poder. Na medida em que a vontade de poder se declina temos, de um lado, morais da vida declinante, em degeneração e, quando a vontade de poder se potencializa, há morais da vida em pleno florescimento, isto é, da vida em todo o seu poder. Diante disso, Nietzsche faz seu diagnóstico reconhecendo que o programa civilizatório do ocidente representa um lento processo de prostração e enfraquecimento do animal homem. Nessa acusação, vai nos apresentar a civilização, não como um indício de doença e mal-estar, mas como a própria doença. Isso porque surge da separação violenta da atividade originária do animal homem e da própria natureza. Por isso, Nietzsche repudia com rigor os caminhos, ideais e valores supremos que a humanidade há dois mil anos vem seguindo.

Sendo assim, é possível identificar mais uma vez que em *O Anticristo* Nietzsche não busca criticar a religião cristã numa perspectiva exclusivamente religiosa, mas revela-a como fenômeno moral da *décadence* que plasmou a civilização ocidental. Se a crítica à civilização enquanto fenômeno da *décadence* revela a moral cristã como força central e motor desse processo, então, também é o próprio homem de seu tempo que Nietzsche lançará sua crítica:

E, para que não reste dúvida quanto ao *que* desprezo, a *quem* desprezo: é o homem de hoje, o homem do qual sou fatalmente contemporâneo. O homem de hoje – eu sufoco com a sua respiração impura... Em relação ao passado eu sou, como todo homem do conhecimento, de uma grande tolerância, isto é, *magnânimo* [...] Mas meu sentimento se altera, rompe-se, tão logo entro na época moderna, na *nossa* época (Nietzsche, 2007, §38, p. 44).

Por que Nietzsche se volta contra seus contemporâneos? No fundo, segundo ele, o pensamento filosófico de seu tempo possui “sangue de teólogos nas veias” (Nietzsche, 2007, §8, p. 14). O que isso quer dizer? Significa assegurar que a filosofia, mesmo aquela dirigida contra a religião até então, se encontra num contínuo êxito de reprodução metafísica. Ou seja, a crítica ainda permanece a serviço da fé, de um ideal, cujo valor não é problematizado. A filosofia, enquanto corrompida por sangue de

teólogos, sinaliza a presença do próprio cristianismo mesmo onde este não se reveste mais de sua forma dogmática (Moura, 2005, p. 92). E, segundo Nietzsche,

Esse envenenamento vai muito mais longe do que se pensa: reencontrei o instinto de arrogância dos teólogos onde quer que hoje alguém se ache “idealista” – onde, em virtude de uma origem mais elevada, arrogue-se o direito de olhar para a realidade de modo alheio e superior... (Nietzsche, 2007, §8, p. 15).

A civilização ocidental é vista por Nietzsche como um prolongamento natural do cristianismo, porém, não do cristianismo eclesiástico, ou seja, como expressão dogmática de uma religião; mas enquanto um conjunto de ideais civilizadores que, de acordo com ele, se encontram por toda parte, inclusive onde se buscou negá-los, sobretudo, a partir das ideias modernas, como a ideia de progresso, de socialismo, de cientificidade.

2. Ideias modernas e cristianismo

2.1 A Ideia de progresso

O que prega a ideia de progresso? Sabe-se que o horizonte do século XIX também ficou marcado pelo avanço das ciências naturais, como a física, a química e a biologia. A crença nas ciências naturais trouxe consigo a fé no ideal do progresso, isto é, acreditava-se que a humanidade caminhava rumo a um desenvolvimento para o melhor ou mais forte. Com a noção de progresso é explicitada uma valoração, segundo a qual aquilo que vem depois é necessariamente *melhor* do que aquilo que passou. No entanto, esta questão do melhoramento nunca foi problematizada – *Por que se deve melhorar o homem?* Pelo contrário, o seu valor foi sendo afirmado como se fosse uma evidência, uma verdade absoluta, digno de ser obedecido, pois, o que nos torna melhores, *deve ser* considerado bom e verdadeiro. Justamente contra esse crédito incontestado dado pela civilização ocidental à ideia de progresso que Nietzsche se vê contrário. Em *Ecce Homo*, texto escrito também em 1888, mas posterior ao que veio a ser *O Anticristo*, diz

o pensador: “A última coisa que eu me prometeria seria ‘melhorar’ a humanidade. Por mim não são erigidos novos ídolos; os velhos que aprendam o que é ter pernas de argila. Derrubar ídolos (minha palavras para ‘ideais’) – isso sim, já faz parte de meu ofício” (Nietzsche, 1978, §2, p. 365). Para o filósofo, a crença acrítica na ideia de “progresso” explicitou uma determinada concepção de verdade que no seu íntimo é castradora da multiplicidade do real e, por conseguinte, acabou produzindo uma nova fé que do além justificaria a realidade imanente – se só se considera como válido, verdadeiro na história aquilo que vem depois, significa, então, que o presente é destituído de valor e que apenas os tempos futuros poderão justificá-lo historicamente. Ora, por possuir um discurso que atribui uma finalidade ao presente e à humanidade, a ideia de progresso revela-se como um prolongamento do cristianismo, despojado de sua forma dogmática.

2.2 Ideia de cientificidade

Ainda que os tempos modernos signifiquem certa supremacia do saber em relação à fé, dando a entender que haja uma desconfiança nutrida por parte da cientificidade contra a interpretação cristã do sentido geral da existência, a ideia de cientificidade manifesta-se como outro caminho, através do qual o cristianismo encontra o seu desenvolvimento. A ciência moderna não representa a negação do cristianismo, senão sua realização. Como adverte Giacóia Júnior:

Não há, pois, ruptura irreconciliável entre Ciência e Fé; a cientificidade moderna não é a negação, mas a realização do Cristianismo: a exacerbação da vontade incondicional de verdade, que acaba por levar à desconfiança na interpretação cristã da existência, é, em verdade, a consumação da moral cristã, consumação que se apresenta, historicamente, como sua negação e superação necessária (Giacóia Júnior, 1997, p. 40).

Pensada nesses termos, o pensamento científico se revela como uma motivação em relação à verdade, entendida como um discurso final acerca das coisas e não enquanto uma abertura permanente à investigação da realidade.

Portanto, a desconfiança lançada sobre a interpretação cristã do mundo e da história é também uma suspeita nietzschiana em direção à própria ciência, enquanto crença absoluta numa verdade alcançável por meio das categorias da razão. Segundo Nietzsche (2001, §344, p. 236), a fé na ciência repousa ainda numa *crença metafísica*, a saber, de que a verdade é divina. Esta confiança é uma herança oriunda da crença cristã, cuja raiz encontra-se também no platonismo, tal como entendido por Nietzsche. Noutras palavras, também a modernidade continuaria a construção do “mundo verdadeiro”. Esse é manifestado agora no âmbito do conhecimento científico, cuja visão positivista e uma explicação naturalista, causal e mecanicista do universo revelam a razão como guia da humanidade para o progresso e este se torna a lei inelutável da história.

A confiança na razão e na técnica vai se tornando soberana, de tal modo que ela passa a ser a porta-voz de uma verdade última, de uma explicação acerca de todas as coisas, propondo um mundo, uma existência melhor que a de outras épocas. Esta crença na razão, enquanto capaz de alcançar uma verdade final acerca do mundo, procura disfarçar a condição humana de seu caráter trágico. No fundo, a vontade de uma verdade absoluta a todo custo indica que a vida é composta de aparência, de erro e de engano. Ela torna-se um princípio destruidor da vida. “A *crença nas categorias da razão* é a causa do niilismo, – nós medíamos o valor do mundo em categorias *que diziam respeito a um mundo puramente fictício*” (Nietzsche, 2008, §12, p. 33). Nessa perspectiva que o discurso crítico nietzschiano se dirige à modernidade, assegurando que: “*Dessa modernidade estávamos doentes*” (Nietzsche, 2007, §1, p. 10); além de afirmar que a história dos ideais da humanidade seria a explicação pela qual o homem se encontra tão corrompido (Nietzsche, 2007, §6, p. 13) e que o perfil dos sacerdotes vigorou até mesmo na filosofia: “E o sacerdote *dominou* até agora! Ele *determinou* os conceitos de “verdadeiro” e “não verdadeiro”!...” (Nietzsche, 2007, §12, p. 18).

Todavia, é importante ter presente que Nietzsche não abomina a ciência, o conhecimento científico. O que ele rejeita é exatamente a pretensão do espírito científico de conceber a verdade como a adequação do intelecto à realidade. Ao contrário dessa postura dogmática, propõe que o conhecimento científico seja visto como esforço antropomórfico na relação do homem com o mundo que se transforma constantemente. Noutros termos, “ao invés de cristalizar teologicamente suas verdades

assumindo perspectivas moralizantes, a ciência poderá se colocar como o exercício do questionamento, da investigação ininterrupta de suas convicções” (Bazzanella, 2003, p. 82).

2.3 Ideia de socialismo

Nessa mesma direção Nietzsche, o filósofo da suspeita, também denuncia a ideia de socialismo, que via no crescimento econômico uma trilha fecunda para a realização da felicidade humana. Ora, mais uma vez acredita-se, de maneira inquestionável, num ideal que para o socialismo, levará o homem à sua realização. De qualquer modo, conforme Moura (2005, p. 165), o valor do homem estará sempre associado em sua aproximação a um ser ideal. Justamente essa exigência que, para Nietzsche (2007, §6, p. 13), torna os valores que agora resumem o desiderato supremo da humanidade como *valores de décadence*. Nietzsche se coloca contra a proposta de um novo ideal, porque, com ele,

Privou-se a realidade de seu valor, de seu sentido, de sua veracidade, no mesmo grau em que se mentiu um mundo ideal... O “verdadeiro mundo” e o “mundo aparente” – em alemão: o mundo mentido e a realidade... A mentira do ideal foi até agora a maldição sobre a realidade, com ela a humanidade mesma se tornou, até em seus mais profundos instintos, mentirosa e falsa – até chegar à adoração dos valores inversos àqueles com os quais, somente, lhe estaria garantido o prosperar, o futuro, o elevado direito a futuro (Nietzsche, 1978, §2, p. 365-366).

É com esse espírito que Nietzsche acusa ser a própria idade moderna bombeada por esse tipo sanguíneo, pois, apesar das críticas que compõem o cenário moderno, estas só se preocuparam com a fundamentação dos valores morais, ao invés de colocar sob suspeita o próprio valor desses valores que, nesse contexto, ainda serviam de meta para a existência. Por estar presa a exigência de um ideal para a vida, Nietzsche sinaliza para a enfermidade da modernidade. Intimamente ligado à sua época, o filósofo lança sua crítica de forma radical ao mundo em que vive, não deixando escapar nem mesmo seus

conterrâneos, ao afirmar que entre os alemães encontra-se também a filosofia corrompida pelo sangue dos teólogos (Nietzsche, 2007, §10, p. 16). Tal acusação se dirige particularmente a Kant, que não obstante tenha defendido a impossibilidade de se chegar a Deus pelo viés da razão teórica, postulou sua existência na razão pura prática. Por isso, para Nietzsche (2007, §10, p. 16), o sucesso de Kant é apenas um sucesso de teólogo, ele não problematizou “Deus”, mas manteve aberta a trilha para o velho ideal.

Nesse sentido, Nietzsche promove guerra contra esses teólogos do positivismo e do socialismo que com seus ideais ensinam aos homens um mundo além, que falam de vida verdadeira e plena, como se esta na qual se vive fosse falsa e vazia.

Considerações finais

Verificou-se ao longo do texto que a crítica de Nietzsche ao cristianismo, no contexto de sua filosofia da religião, não visa anunciar outra crença, a saber, a fé na religião natural, como ocorrera no horizonte do pensamento do século XVIII, que via nos ensinamentos da religião revelada algo contrário à razão e, por isso, deviam ser refutados ou, então, purificados de seus aspectos irracionais. Deste modo, pôde perceber que o cristianismo ao qual Nietzsche dirige seu discurso crítico não é realmente compreendido como uma religião propriamente dita. Quer dizer que o autor de *O Anticristo* não intenta oferecer com e nesta obra um estudo que questione diretamente os dogmas que constituem a religião cristã. Ele não faz teologia, muito menos cristologia. Sendo a filosofia de Nietzsche uma axiologia centrada na vontade de poder, o cristianismo é atacado como inversão dos valores vitais, afirmativos dessa vontade.

Nietzsche se opõe ao cristianismo na medida em que ele, O cristianismo, ao mesmo tempo em que multiplica, também conserva a miséria quando, através dos teólogos e de todos que possuem sangue de teólogos nas veias, desvalorizam a realidade enquanto tal em detrimento de um *mundo além*, tido como superior, verdadeiro. Nessa perspectiva, o cristianismo significa uma tendência hostil à vida, isto é, oposto àquilo que, na leitura nietzschiana, mais caracteriza a vida em seu interior, a vontade de poder.

Ademais, demonstrou-se o quanto os valores morais cristãos serviram de referência para determinar o horizonte normativo e a substância ética da modernidade. Para Nietzsche, ainda que as ideias modernas tenham buscado se posicionar contra os paradigmas cristãos, elas, no fundo, nada mais fizeram que prolongar a civilização cristã, os ideais cristãos.

Referências bibliográficas

BAZZANELLA, S. L. *O niilismo em Nietzsche e a ambivalência em Bauman: uma leitura possível do modelo civilizatório ocidental*, 2003. Dissertação (Mestrado em Educação e Cultura) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Estadual de Santa Catarina, Santa Catarina.

GIACOIA JUNIOR, O. *Labirintos da alma: Nietzsche e a auto-supressão da moral*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

MOURA, C. A. R. de. *Nietzsche: civilização e cultura*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

NIETZSCHE, F. *A vontade de poder*. Trad.: Marcos Sinésio P. Fernandes, Francisco José Dias de Moraes. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

_____. *Fragmentos finais*. Trad.: Flávio Kothe, Brasília: editora UNB, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

_____. *O Anticristo: maldição ao cristianismo: Ditirambos de Dionísio*. Trad.: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. *A gaia ciência*. Trad.: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *Ecce Homo*. In: *Obras incompletas*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

_____. *Obras Incompletas: Nietzsche*. 2. ed. Trad.: Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1978.